

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DO COMPARTILHAMENTO DA INFORMAÇÃO E DA COMPLEXIDADE DA TAREFA NA DECISÃO EM GRUPO

Monize Sâmara Visentini - Mauri Leodir Löbler*

RESUMEN: Este trabajo examina de qué modo el compartir información afecta la toma de decisiones en grupo y muestra el efecto de la complejidad de la tarea en el proceso de decisión grupal. Como metodología de investigación se realizó un cuasi-experimento en laboratorio, teniendo como variables independientes el hecho de compartir información y la complejidad de la tarea, y como variable dependiente la toma de decisión en grupo. Las discusiones de los grupos fueron seguidas por observadores entrenados y grabadas para su posterior análisis. Participaron del experimento 144 personas. De manera general se verificó que la diferencia en el hecho de compartir la información y la complejidad de la tarea no afectó de manera importante la toma de decisión de los grupos estudiados.

Palabras clave: ompartir información - proceso de decisión grupal

RESUMO: Este trabalho verifica como o compartilhamento de informações afeta a tomada de decisão em grupo e; ilustra o efeito da complexidade da tarefa no processo decisório grupal. Como metodologia de investigação realizou-se um quase-experimento em laboratório, tendo como variáveis independentes o compartilhamento da informação e a complexidade da tarefa, e como variável dependente a decisão em grupo. As discussões dos grupos foram acompanhadas por observadores treinados e gravadas para posterior análise. Participaram do experimento 144 indivíduos. De modo geral, verificou-se que a diferença no compartilhamento da informação e na complexidade da tarefa não afetou sobremaneira a decisão dos grupos estudados.

ABSTRACT: *Analysis on the Influence of Information Sharing and Task Complexity in Group Decision Making*

This paper seeks to ascertain how information sharing affects the group decision making and, illustrate the effect of task complexity in group decision making. The methodology applied was an almost-experimental research conducted in a laboratory, having as independent variables the information sharing and task complexity; and as a dependent variable, group decision. Group discussions were followed by observers previously trained and recorded for further analysis. The number of participants in the experiment was 144. In a general sense, there was no influence of information sharing and task complexity in group decision. Other variables involved, controlled in the study, like groups formation, exercised a great power of explanation for the differences found. The study brings a contribution to the academic and organizational practice.

Key words: information sharing - group decision

* *Monize Sâmara Visentini* é mestre em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (Rio Grande do Sul, Brasil). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Rio Grande do Sul, Brasil). Possui interesse de pesquisa relacionado à decisão individual e grupal, administração e sistemas de informações. E-mail: monize.s.visentini@gmail.com

Mauri Leodir Löbler é doutor em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Rio Grande do Sul, Brasil). Atualmente é professor adjunto do departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Santa Maria (Rio Grande do Sul, Brasil). Possui interesse de pesquisa relacionado à decisão, informação, administração e sistemas de informações. E-mail: mllobler@hotmail.com

1- Introdução

Um critério organizacional que tem recebido atenção substancial pelos pesquisadores de grupos de trabalho é a influência que esses têm sobre a tomada de decisão e o processo decisório (Moon, 2003). Isso porque, segundo Parks e Cowlin (1995), grande parte das importantes decisões organizacionais são realizadas em grupo, ou dentro desse contexto. Devido a relevância da decisão em grupo nas organizações, pesquisas têm sido desenvolvidas para identificar aspectos chave do grupo e dos indivíduos que o compõe, entretanto, só recentemente a tomada de decisão em grupo começou a ser explorada de maneira mais intensiva, chamando a atenção dos pesquisadores (Kocher e Sutter, 2007).

Um dos principais motivos para isso, segundo Parks e Cowlin (1995), é o pressuposto de que cada membro do grupo traz para a resolução da tarefa um conjunto de conhecimentos relevantes e distintos, que através da discussão passam a ser disseminados para todo o grupo, e como resultado há o agrupamento de um número maior de fatos do que se conseguiria sozinho. Entretanto, tal pressuposto é discutido e contestado por alguns pesquisadores, tendo como pioneiros nesta indagação Stasser e colegas (Stasser e Titus, 1985, 1987; Stasser, Taylor e Hanna, 1989; Stasser e Stewart, 1992).

Eles têm demonstrado que a discussão do grupo tende a girar ao redor dos fatos que são comumente conhecidos, ou seja, fatos comuns. Isso comprova que informações conhecidas por poucos membros são relativamente raras de se compartilhar. Esse fenômeno foi denominado por Stasser e Titus (1985) como “*biased sampling*”, sendo investigado, através de estudos em laboratório, por meio de *hidden profile tasks*, ou seja, tarefas nas quais os sujeitos experimentais recebem um conjunto comum de informações e algumas informações exclusivas acerca do que se está decidindo, e que, posteriormente, deveriam compartilhar com o restante do grupo a fim de tomar a melhor decisão. Porém, as informações predominantes que são trocadas entre os indivíduos, no momento da discussão, são aquelas que todos possuem, havendo pouca menção as informações exclusivas (Stasser e Titus, 1985).

Esse fato acarreta em decisões sem qualidade e muitas vezes erradas. Tal situação corrobora para que estudos sejam realizados a fim de identificar aspectos referentes a este fenômeno, de modo que possam contribuir para minimizar os efeitos ressaltados. Entretanto, ainda cabe questionar, se a quantidade de informação analisada pode afetar a decisão em grupo. Como se percebe, alguns estudos comprovam que a maneira como a informação é compartilhada entre os membros do grupo pode acarretar em decisões mais pobres, entretanto, qual a quantidade de informação que maximiza esse efeito? O estudo da complexidade da tarefa permite respostas a essa indagação.

No campo da decisão individual, a complexidade da tarefa foi abordada por diversos pesquisadores (Handizic, 2001; Todd e Benbasat, 1993; Timmermans, 1993, Payne, 1982), os quais concluíram que ao aumentar a quantidade de informação de análise, a eficiência da decisão é prejudicada, pois as pessoas tendem a ficar mais confusas com a sobrecarga de informação. Tal acréscimo de informação, ou de alternativas para análise, aumenta a complexidade da tarefa de decisão e, segundo Payne (1976), pode acarretar na simplificação do processo decisório, prejudicando o resultado da avaliação. Frente a esses resultados referentes às decisões individuais, torna-se inevitável questionar se o mesmo fenômeno ocorre quando a decisão é tomada em grupo (Parks e Cowlin, 1995).

Assim, o objetivo geral deste trabalho visa *verificar como o compartilhamento da informação e a complexidade da tarefa influenciam a decisão em grupo*. Para tanto, buscar-se-á

(a) analisar como o compartilhamento de informações afeta a tomada de decisão em grupo; e (b) ilustrar o efeito da complexidade da tarefa no processo decisório grupal.

Salienta-se que, no Brasil, o estudo acerca de grupos de trabalho é escasso e que a abordagem do compartilhamento da informação através da perspectiva proposta por Stasser e Titus (1985) é inédita, bem como o estudo da influência da complexidade da tarefa no processo decisório grupal. Assim, espera-se que esta pesquisa, possa agregar valor e conhecimento ao estudo da decisão em grupo no contexto nacional.

2- Compartilhamento da Informação na Decisão em Grupo

Um estudo precursor elaborado por Stasser e Titus (1985) encontrou que grupos, frequentemente, tomam decisões sub-ótimas em tarefas estruturadas com distribuição irregular da informação porque eles tendem a discutir e incorporar nas suas decisões informações que são conhecidas por todos os membros ao invés das informações exclusivas de cada indivíduo. Nesse sentido, Fraudin (2004) afirma que situações de alternativa oculta (*hidden profile*) ocorrem quando o total de informação disponível a um grupo favorece uma alternativa de decisão, mas o padrão de informação visto pelos membros individualmente, antes da discussão com o grupo, favorece outra alternativa. Isso reflete que os grupos não são capazes de tirar proveito do conhecimento e das competências exclusivas dos seus membros. Mesmo assim, Fraudin (2004) destaca que os indivíduos fazem escolhas inferiores à do grupo antes da discussão começar.

A informação compartilhada entre todos os membros antes da discussão em grupo foi denominada por Stasser e Titus (1985) de *shared information*. Já aquelas informações distribuídas exclusivamente para alguns membros do grupo foram classificadas como *unshared information*. Salienta-se que essas são sempre informações relevantes, que contribuem para que seja tomada a melhor decisão. Assim, é extremamente importante que os membros do grupo a coloquem em discussão, para não comprometer o resultado da decisão. Entretanto, normalmente, o que se verifica é que as informações comuns ao grupo são muito mais discutidas e consideradas mais importantes pelos indivíduos (Fraudin, 2004).

No que tange os estudos experimentais acerca de alternativas ocultas, esses já foram explorados através de distintas tarefas, sempre tendo-se que selecionar entre um grupo de alternativas. Stasser e Titus (1985; 1987) abordaram a seleção do melhor estudante para representante dos alunos; Winquist e Larson Jr. (1998) utilizaram a escolha de um professor para receber um prêmio pedagógico; Larson Jr. *et al.* (1996, 1998) o correto diagnóstico para um caso médico; e Stasser e Stewart (1992) e Fraudin (2004) pediam para os sujeitos experimentais decidirem sobre qual o suspeito era culpado por um assassinato. A análise desses estudos demonstra alguns aspectos interessantes, como o de que os indivíduos tendem a repetir mais a informação comum do que a informação exclusiva depois que elas são mencionadas pela primeira vez no grupo (ex. Stasser, Taylor e Hanna, 1989; Larson Jr. *et al.*, 1996; Larson Jr. e Harmon, 2007). Wittenbaum, Hollingshead e Botero (2004) diagnosticaram que, pelo menos, 23 estudos encontraram que os grupos raramente descobrem as informações exclusivas dos seus membros, pois sempre discutem mais a informação compartilhada. Wittenbaum e Stasser (1996) chamam a esse foco na decisão compartilhada de viés de amostragem da informação comum (*common information sampling bias*).

Larson Jr. *et al.* (1998) constataram ainda que, quando partilham a informação exclusiva, os membros do grupo tendem a realizar uma análise mais precisa das alternativas disponíveis. Stasser e Stewart (1992) afirmam que a falha na discussão da informação exclusi-

va do membro afeta a qualidade da decisão do grupo quando a informação é distribuída entre os membros por tarefas que abordam a alternativa oculta. Essas situações podem inviabilizar a premissa de que a qualidade da decisão tomada pelo grupo é melhor do que individual, já que nela há a troca efetiva de informações e conhecimento. Isso porque, as pesquisas têm demonstrado que os indivíduos dificilmente dividem seus conhecimentos exclusivos, tendendo a sempre compartilhar a informação comum, tomando decisões sub-ótimas.

Ainda, conforme Parks e Cowlin (1995), quando os membros do grupo escolhem entre alternativas de decisão, eles discutem menos informação conforme o número de alternativas aumenta, demonstrando o efeito que a complexidade da tarefa possui sobre o processo decisório grupal. Acrescentam ainda que, consistente com a decisão individual, há uma queda acentuada na proporção de informação considerada quando se excede 2 alternativas. Entretanto, estudos semelhantes são escassos, sendo sugerido pelos autores a realização de mais pesquisas que visem investigar a influência da complexidade da tarefa, através do acréscimo do número de alternativas, no processo decisório em grupo.

3- A Complexidade da Tarefa em Decisões Grupais

A complexidade da tarefa é um construto amplamente utilizado nas ciências comportamentais para explorar e prever a relação entre as características da tarefa e o processamento de informação, considerada atividade cognitiva (Gill e Hicks, 2006). Nutt (1998) destaca que uma decisão parece mais complexa quando há dificuldade técnica para avaliar o incremento da tarefa ou quando percepções de dificuldade são apresentadas. Segundo o autor, a dificuldade técnica cresce conforme aumenta o número de alternativas e critérios para se analisar.

Quando isso ocorre, os indivíduos, de acordo com Payne (1982) adaptam suas decisões através de estratégias específicas ao ambiente e à situação, estando normalmente dispostos a decidir de maneira não tão precisa, em troca de uma redução de esforços, sendo coerentes com a proposição de Simon, da racionalidade limitada. Por causa deste intercâmbio entre esforço e precisão, os decisores frequentemente escolhem opções que são satisfatórias, porém sub-ótimas (Häubl e Trifts, 2000). Isso é comum quando as alternativas são numerosas, difíceis de comparar e a complexidade do ambiente de decisão é alta (Payne, 1982).

Payne (1976), em uma das pesquisas pioneiras sobre a tomada de decisão sob o aumento da complexidade, inferiu que conforme ela aumenta, os indivíduos tendem a simplificar seus processos decisórios. Essa simplificação pode acarretar na eliminação de algumas opções antes de terem sido analisadas todas as alternativas disponíveis, o que gera decisões de baixa qualidade. Shields (1980) e Biggs *et al.* (1985) também examinaram o efeito do aumento do número de alternativas sobre o padrão de decisão de gerentes. Em ambos os casos, conforme aumentava o número de alternativas, cresciam as estratégias de decisão não-compensatórias.

Esses estudos caracterizam-se a nível individual, sendo a análise da influência do número de alternativas pouquíssimo explorada no contexto da tomada de decisão em grupo (PARKS e Cowlin, 1995). Chalos e Pickard (1985) afirmam que os grupos têm maior consistência na decisão e são mais aptos a processar uma maior quantidade de informação do que indivíduos em tarefas de resolução de problemas. Entretanto essa não foi a constatação de Parks e Cowlin (1995), os quais verificaram que, consistente com a decisão individual, há um acentuado declínio na proporção de informação considerada quando se excede a dois o número de alternativas a ser analisada pelo grupo.

Esses autores acrescentam que, similarmente aos indivíduos, os grupos usam “filtros e aceleração” no processamento da informação no intuito de tomar decisões quando sob

Análise da influência do compartilhamento da informação e da complexidade da tarefa

pressão do tempo. Destacam também que quando tem que escolher entre muitas alternativas, o grupo rapidamente elimina a maioria e tende a permanecer somente com duas, a fim de poder processá-las com maior detalhe e precisão.

Essas considerações ainda bastante incipientes e carentes de confirmação são determinantes para que a pesquisa a que se propõe este trabalho seja desenvolvida. Notou-se, através do resgate da literatura, que os estudos relacionados à influência exercida pelo compartilhamento da informação e a complexidade da tarefa, estudada através do número de alternativas na decisão em grupo, podem acrescentar demasiado valor ao campo de estudo do processo decisório. Ressalta-se que nesta pesquisa, o termo complexidade da tarefa não é abordado em sua plenitude, visto que se trabalha apenas com o acréscimo de alternativas e informações, não havendo manipulação de atributos (Payne, 1976). Aqui, a abordagem recai sobre a realização de uma tarefa simples e outra um pouco mais complicada, não se podendo chamá-la de “complexa” na sua essência. Todavia, em virtude de não se encontrar um termo substituto para complexidade, e em decorrência dos objetivos deste trabalho e o apanhado da literatura corroborar tal inferência, essa denominação foi mantida.

4- Método da Pesquisa

Busca-se identificar como o compartilhamento da informação e a complexidade da tarefa influenciam a decisão em grupo. Este estudo apresenta natureza causal, utiliza-se o método experimental, pois estudos dessa natureza, conforme Aaker, Kumar e Day (2004, p.96) objetivam “demonstrar que uma variável causa ou determina o valor de outras variáveis”. Como o controle experimental e a distribuição aleatória não puderam ser rigidamente aplicados, tem-se um quase-experimento desenvolvido em laboratório (Campbell e Stanley, 1979). A ocorrência desse tipo de estudo não é rara em ciências sociais, visto que nem sempre se torna possível a realização de pesquisas rigidamente explicativas (GIL, 1991). Salienta-se, entretanto, que o termo “experimento” foi adotado para definir o caráter desta pesquisa, visto a maior disseminação e compreensão do mesmo.

As variáveis independentes deste experimento são o compartilhamento da informação e a complexidade da tarefa, e a dependente é a decisão em grupo, conforme a Figura 01.

Figura 01 - Desenho de Pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores

Monize Sâmara Visentini - Mauri Leodir Löbler

O **decisor** foi caracterizado por grupos de 3 pessoas, seguindo indicações da literatura investigada. A **tarefa decisória** consiste na análise de um “Mistério do Assassinato”, adaptado de Stasser e Stewart (1992) e Fraidin (2004), no qual existem alguns suspeitos e cabe aos sujeitos experimentais decidir qual deles é o verdadeiro culpado pelo crime descrito, fato este que caracteriza o produto final do desenho de pesquisa (Figura 01): a **decisão em grupo**. Essa decisão corresponde à escolha efetuada pelo grupo entre as alternativas disponíveis. Com relação ao **compartilhamento da informação**, uma das variáveis independentes deste estudo, tem-se uma divisão entre *compartilhamento total da informação*, onde todos os membros participantes do grupo recebem todas as pistas do caso; e *compartilhamento parcial da informação*, situação na qual os membros do grupo recebem uma parte das pistas, comum a todos eles, e outra parte exclusiva para cada um. Relativo à outra variável independente, **complexidade da tarefa**, tem-se, também, uma divisão entre tarefa simples e tarefa complexa. A tarefa simples foi caracterizada por apenas duas alternativas de escolha, dentre os suspeitos analisados. Já na tarefa complexa, existem três suspeitos que foram avaliados pelos sujeitos experimentais, para que eles decidissem o verdadeiro culpado. Além de aumentar o número de alternativas, da tarefa simples para a complexa, também houve o acréscimo do número de informações para análise. Embora o nível de complexidade possa parecer pouco expressivo da tarefa simples para a tarefa complexa (2 → 3), deve-se ter em mente que é uma matriz de dupla entrada, alternativa (suspeito) e pistas sobre cada um deles, sendo assim, aumenta significativamente a quantidade de informações que um indivíduo deve processar quando passa de 2 para 3 suspeitos.

A partir desse desenho de pesquisa e da literatura abordada, foram traçadas quatro hipóteses para o estudo, conforme o Quadro 01.

Hipótese	Sustentação teórica
H1: Grupos sob condição de compartilhamento total da informação apresentarão melhor decisão do que grupos com compartilhamento parcial da informação, sob a condição de alternativa oculta.	Stasser e Titus (1985); Fraidin (2004); Stasser, Taylor e Hanna (1989); Stasser e Stewart (1992); Larson Jr. <i>et al.</i> (1998)
H2: Os sujeitos tendem a discutir mais a informação comum do que a informação exclusiva	Fraidin (2004); Stasser e Titus (1985); Winqvist e Larson Jr. (1998); Larson Jr. e Harmon (2007)
H3: Grupos que realizarem tarefas simples terão melhor decisão do que os grupos que realizarem tarefas complexas.	Payne (1976); Payne (1982); Payne, Bettman e Johnson (1988); Todd e Benbasat (1993); Timmermans (1993)
H4: Conforme aumenta a complexidade da tarefa, os membros do grupo tendem a discutir menos informações.	<u>Nível individual:</u> Todd e Benbasat (1993); Timmermans (1993)

Quadro 01 – Hipóteses da pesquisa e sustentação teórica das mesmas.

Fonte: Elaborado pelos autores

Para testar essas hipóteses, adaptou-se a tarefa denominada “Mistério do Assassinato”. de Stasser e Stewart (1992) e Fraidin (2004). A escolha por esta tarefa decorreu da sua adequação as duas variáveis independentes testadas – compartilhamento da informação e a complexidade da tarefa. Para a sua aplicação, a tarefa passou por um processo de

Análise da influência do compartilhamento da informação e da complexidade da tarefa

tradução reversa, adaptação cultural e duas validações com amostras semelhantes a utilizadas no experimento final. O Mistério do Assassinato simula uma investigação de homicídio, na qual há alguns suspeitos (2 ou 3) e o sujeito experimental deve decidir quem é o verdadeiro assassino, através de algumas informações (pistas) sobre cada um deles. No trabalho de Stasser e Stewart (1992) foram sugeridos 3 suspeitos (A, B e C) e no de Fraidin (2004) somente 2 (A e C), dados os objetivos de cada pesquisa.

Stasser e Stewart (1992) elaboraram, no seu caso de mistério, 24 pistas para incriminar um dos três suspeitos e exonerar os outros dois. Especificamente, há 6 pistas que incriminam cada suspeito, além de 3 pistas que exoneram o suspeito A (André), bem como 3 que livram o suspeito B (Bill). Assim, por apresentarem pistas que os absolvem, os suspeitos A e B deveriam ser desconsiderados como culpados pelo crime, na discussão do grupo, visto que o suspeito C (Carlos) apresenta apenas pistas que o incriminam. Do total de pistas, há 9 pistas críticas, das quais 3 incriminam o suspeito C, 3 absolvem o suspeito A e 3 absolvem o B, fornecendo ao grupo indícios de que o suspeito C é o verdadeiro culpado.

Em situações de tarefa complexa, as pistas foram distribuídas entre os sujeitos experimentais de modo que cada um recebeu, ao total, 18 pistas, sendo 3 delas críticas e 15 comuns a todos os membros do grupo (Quadro 02). De maneira mais simplificada, cada um dos membros do grupo recebeu um conjunto de informações exclusivas sobre um dos suspeitos e um conjunto de informações comuns. As informações exclusivas são essenciais para se escolher o verdadeiro assassino.

Formam um grupo	Sujeitos experimentais	Informações Críticas e Exclusivas			Informações comuns sobre os 3 suspeitos
		Suspeito A	Suspeito B	Suspeito C	
Formam um grupo	1	3 pistas sobre o suspeito A			15 informações comuns aos sujeitos experimentais
	2		3 pistas sobre o suspeito B		
	3			3 pistas sobre suspeito C	

Quadro 02 - Descrição da divisão das informações críticas e exclusivas na tarefa do Mistério do Assassinato.

Fonte: Elaborado pelos autores

Essa situação foi aplicada aos grupos que participaram da tarefa complexa com compartilhamento parcial da informação. Nos grupos participantes da tarefa complexa, com compartilhamento total da informação, todos os membros do grupo receberam as 24 pistas, ou seja, as 15 pistas comuns e as 9 exclusivas. Assim, pode-se distinguir os dois grupos.

Já para as tarefas simples, foram analisados apenas dois suspeitos, o A e o C, sendo que, o número de informações processadas passou de 24 para 15, e de alternativas de escolha de 3 para 2, acarretando em menor complexidade. A metodologia de aplicação da tarefa com 2 suspeitos foi semelhante a com 3, acima descrita. Quando em situações de compartilhamento parcial da informação, um membro do grupo receberá as pistas críticas e exclusivas do suspeito C e os outros 2 membros receberão as pistas críticas e exclusivas do suspeito A.

A amostra deste experimento foi não-probabilística por conveniência. Conforme salienta Cozby (2003), há procedimentos formais para determinar o tamanho da amostra necessário para detectar um efeito estatisticamente significativo, mas uma norma prática recomenda 20 participantes por condição. Assim, este trabalho abordou, para cada uma das quatro condições, 36 universitários, perfazendo um total de 144 participantes. Eles participaram do estudo em duas etapas: na primeira, foram submetidos a uma situação de decisão individual; na segunda, foram reunidos em grupos de três pessoas, selecionadas aleatoriamente, para discutir sobre as pistas lidas e tomar a decisão, a partir do consenso dos membros do grupo.

Para buscar a aleatoriedade dos sujeitos, condição ímpar em um estudo experimental, distribuiu-se os participantes, na realização da tarefa, a partir de cartões que continham uma cor e um número específicos. Ao todo eram três cores para cada condição experimental, pois a decisão era realizada em trios. Ao chegar ao laboratório de informática, o participante recebia um crachá colorido contendo um número e deveria executar a tarefa no computador que tivesse um cartão fixado com igual cor e número. Para iniciar a tarefa, no sistema previamente instalado na máquina, ele digitava a cor e o número do seu cartão. Na formação do grupo eram reunidos os sujeitos com cartões que possuíam o mesmo número, porém, cores distintas.

4.1 Condução do experimento

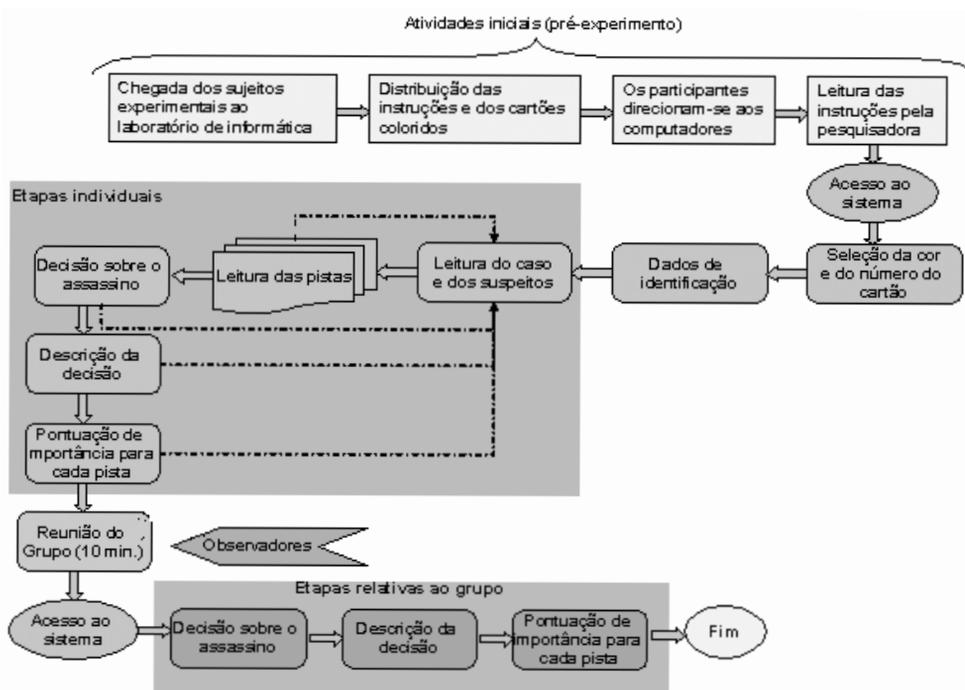
Um sistema informatizado para coleta de dados foi desenvolvido especificamente para a realização deste experimento. Tal procedimento é semelhante ao utilizado por Fraidin (2004). A adoção desse tipo de instrumento para apoio à coleta de dados contribuiu para que se pudesse registrar o “mapeamento” do processo decisório do participante.

Esse sistema recebeu o nome de **STAR Individual x SER Grupo (STAR-SER)**, remetendo ao sobrenome de Garold Stasser, em sua homenagem. O **STAR-SER** apresenta 2 partes distintas: uma para o administrador do sistema, neste caso o pesquisador; e outra para o usuário, ou seja, os sujeitos experimentais. O sistema é acessível a qualquer Sistema Operacional, desde que instalado algum navegador de Internet. Submeteu-se o sistema há 2 validações para que, finalmente, fosse aplicado à amostra final do experimento.

O experimento inicia com a decisão individual, previamente à decisão do grupo, mesma metodologia aplicada nos trabalhos investigados na literatura. Inicialmente, os sujeitos experimentais foram distribuídos aleatoriamente, em mesmo número, entre os grupos que resolveram a tarefa simples e os que resolveram a tarefa complexa. Após, cada um desses grupos passou por outra divisão, ou seja, o grupo que participou da tarefa simples teve seus participantes distribuídos, em igual número, para a resolução com compartilhamento total da informação e para a resolução com compartilhamento parcial da informação. O mesmo ocorreu com o grupo que resolveu a tarefa complexa, formando-se os quatro grupos experimentais.

Depois de alocados em cada um dos quatro grupos, os sujeitos experimentais iniciavam a resolução da tarefa proposta, com o apoio do sistema, primeiramente, de modo individual. Após a decisão individual, os indivíduos eram reunidos em grupos de três pessoas e, a partir daí, tomavam a decisão grupal, através do consenso do grupo. A fim de facilitar a compreensão de como o experimento foi conduzido, apresenta-se a Figura 02.

Figura 02 - Descrição detalhada da condução da tarefa experimental



Fonte: Elaborado pelos autores

Quando chegavam ao laboratório de aplicação da pesquisa, os participantes eram direcionados aleatoriamente, de acordo com as cores e código dos cartões, a um computador e aguardavam o pesquisador iniciar as instruções acerca da tarefa e dos objetivos do trabalho. A partir desse momento, os sujeitos experimentais começavam a utilizar o sistema e realizar a etapa da decisão individual. Inicialmente deveriam registrar o número e a cor do seu cartão para poder iniciar a tarefa. Após inseriam os seus dados de identificação. A próxima etapa consistia na descrição sucinta do caso do “Mistério do Assassino” e a descrição dos suspeitos. Após, os participantes tinham acesso às pistas de cada um dos suspeitos, que apareciam na tela por 20 segundos. O sujeito experimental poderia reler o caso quantas vezes quisesse. Finalizada a leitura das pistas, os participantes deveriam decidir quem era o verdadeiro assassino, através de uma questão de múltipla escolha e descrever, em uma questão aberta, o porquê desta escolha. Após essas duas etapas eles deveriam pontuar a importância de cada uma das pistas lidas para a sua decisão.

Findada a etapa da decisão individual, os participantes eram reunidos em grupos de três pessoas e levados a uma sala para a discussão. Essa etapa foi acompanhada por um observador treinado, o qual tinha papel neutro na discussão, e somente deveria anotar a frequência das pistas citadas e relatar o comportamento do grupo, além de gravar a discussão para posterior análise. Após 10 minutos, os participantes retornavam aos seus computadores e realizavam a etapa de descrição da decisão grupal. Nela eles deveriam apontar quem foi o suspeito escolhido pelo grupo, descrever o porquê daquela escolha, na sua opinião; e pontuar a importância de cada pista para a decisão grupal, também na sua opinião.

A análise dos dados do **STAR-SER** e da observação das discussões dos grupos foi realizada de modo quantitativo e qualitativo. Para a análise quantitativa utilizou-se como *softwares* de apoio o “Windows Excel®” e o “*Statistical Package for the Social Sciences – SPSS 10.0*”. Já na análise qualitativa, oriunda da observação dos grupos, da gravação das discussões e dos relatos dos sujeitos experimentais, utilizou-se a análise de conteúdo.

5- Análise de Resultados

Participaram deste experimento 144 acadêmicos de uma Universidade Federal, sendo 76 (52,8%) do curso de Administração, 65 (45,1%) das Ciências Contábeis e 3 (2,1%) do curso de Direito. Os semestres desses cursos foram distintos, mas buscou-se realizar seções experimentais com alunos de uma mesma turma, a fim de manter o controle experimental no item homogeneidade. A idade dos participantes variou de 17 até 34 anos, com média de 20,27 anos. Do total dos sujeitos experimentais, 93 (64,6%) foram mulheres e 51 (35,4%) homens.

Para a investigação das hipóteses do trabalho, faz-se necessário descrever a amostra conforme o conjunto de grupos experimentais, neste trabalho definidos como Unidades Experimentais (Quadro 03). Desse modo, têm-se quatro unidades experimentais: a Unidade Experimental 1 (**UE1**), que abrange os grupos/indivíduos que realizaram a tarefa simples com compartilhamento total da informação; a **UE2** referente à tarefa simples com compartilhamento parcial da informação; a **UE3** relativa à tarefa complexa com compartilhamento total da informação; e a **UE4**, que abrange os grupos/indivíduos que realizaram a tarefa complexa com compartilhamento parcial da informação.

Quadro 03 - Características das Unidades Experimentais

Unidade Experimental 1 (UE1)	Unidade Experimental 2 (UE2)	Unidade Experimental 3 (UE3)	Unidade Experimental 4 (UE4)
Tarefa simples com compartilhamento total da informação	Tarefa simples com compartilhamento parcial da informação	Tarefa complexa com compartilhamento total da informação	Tarefa complexa com compartilhamento parcial da informação
36 pessoas → 12 grupos	36 pessoas → 12 grupos	36 pessoas → 12 grupos	36 pessoas → 12 grupos
2 suspeitos	2 suspeitos	3 suspeitos	3 suspeitos
Total de 15 pistas	Total de 15 pistas	Total de 24 pistas	Total de 24 pistas
<ul style="list-style-type: none"> 9 pistas susp. André 6 pistas susp. Carlos 	<ul style="list-style-type: none"> 9 pistas susp. André 6 pistas susp. Carlos 	<ul style="list-style-type: none"> 9 pistas susp. André 9 pistas susp. Bill 6 pistas susp. Carlos 	<ul style="list-style-type: none"> 9 pistas susp. André 9 pistas susp. Bill 6 pistas susp. Carlos

Fonte: Elaborado pelos autores

Para testar a H1, a qual sustenta que “*Grupos sob condição de compartilhamento total da informação apresentarão melhor decisão do que grupos com compartilhamento parcial da informação, sob a condição de alternativa oculta*”, reuniu-se as UE1 e UE3 que realizaram a tarefa com compartilhamento total da informação e as UE2 e UE4 que foram submetidos à tarefa com compartilhamento parcial da informação. Como nos grupos que realizaram a tarefa simples o suspeito Bill não foi analisado, agrupou-se esse suspeito e o suspeito André em um grupo – o da decisão incorreta – e o suspeito Carlos em outro grupo. A partir desse agrupamento, aplicou-se o Teste exato de Fisher para tabelas 2x2, que conforme Siegel e Castellan (2006, p. 26) “é uma técnica extremamente útil para analisar dados

Análise da influência do compartilhamento da informação e da complexidade da tarefa

discretos (nominais ou ordinais) quando as duas amostras independentes são pequenas”. Ainda, conforme esses autores, quando a frequência de alguma célula resultante do cruzamento das variáveis for menor do que 5, situação presente nesta análise, deve-se utilizar o Teste de Fisher ao invés do Qui-quadrado. Os resultados são exibidos na Tabela 01.

Tabela 01 - Suspeitos escolhidos pelas UE sob condição de compartilhamento total e parcial e Teste de Fisher

Grupos	Decisão		Total	Teste de Fisher	
	André e Bill	Carlos*		Sig. (1-sided)	Sig. (2-sided)
UE1 e UE3 (compartilhamento total)	1	23	24	0,609	0,304
UE2 e UE4 (compartilhamento parcial)	3	21	24		
Total	4	44	48		

Fonte: Dados da pesquisa

* Decisão correta

A significância encontrada no Teste de Fisher foi de 0,304 (sig=0,304), rejeitando-se a Hipótese 1, indicando que, neste experimento, o compartilhamento total da informação não proporciona melhor decisão do que o compartilhamento parcial. Stewart e Stasser (1995), em estudo similar ao presente trabalho, também não identificaram diferença significativa entre as decisões tomadas pelos grupos que participaram de tarefas com compartilhamento total da informação e os que realizaram a tarefa com compartilhamento parcial, corroborando este resultado.

Acredita-se que o fato de os participantes desta pesquisa serem colegas de faculdade, tendo intimidade para expor suas opiniões de maneira bastante segura e sem medo da repressão dos demais, pode ter contribuído na rejeição da H1. Assim, independente da condição de compartilhamento da informação, eles se sentiam desinibidos para discorrer sobre o máximo de informações que lembravam e conseguiram, na maioria das vezes, chegar a alternativa correta. Essa observação origina-se da constatação de Gruenfeld *et al.* (1996), os quais afirmam que grupos formados por pessoas amigas realizam melhores decisões, sob condições de alternativa oculta, do que quando os integrantes não se conhecem.

Pela semelhança na forma de análise, parte-se para o teste da H3, e posteriormente verificam-se as Hipótese 2 e 4. A Hipótese 3, pressupõe que “*Grupos que realizarem tarefas simples terão melhor decisão do que os grupos que realizarem tarefas complexas*”. Para testa-la reuniu-se as UE1 e UE2, submetidas à tarefa simples; e as UE3 e UE4, submetidas à tarefa complexa, para que se possa realizar uma análise global da amostra. Também são agrupados os suspeitos André e Bill, conforme considerações anteriores (Tabela 02).

Tabela 02 – Suspeitos escolhidos pelas UE que realizaram tarefa simples e tarefa complexa e Teste de Fisher

Grupos	Decisão		Total	Teste de Fisher	
	André e Bill	Carlos		Sig. (1-sided)	Sig. (2-sided)
UE 1 e UE2 (tarefa simples)	1	23	24	0,609	0,304
UE 3 e UE4 (tarefa complexa)	3	21	24		
Total	4	44	48		

Fonte: Dados da pesquisa

Monize Sâmara Visentini - Mauri Leodir Löbler

Observa-se que apenas 4 dos 48 grupos participantes da pesquisa tomaram a decisão errada acerca do verdadeiro assassino. Assim, visto que a grande maioria dos grupos optou pela resposta correta, independentemente da complexidade da tarefa, o Teste de Fisher indicou significância igual a 0,304 (sig.=0,304), o que remete à rejeição da Hipótese 3, indicando que não existe diferença entre a qualidade da decisão tomada pelos grupos que realizaram tarefas simples e os grupos que realizaram tarefas complexas.

Esse resultado contradiz o trabalho de Parks e Cowlin (1995), o qual indicou que conforme aumenta o número de alternativas para o grupo analisar, há uma piora na qualidade da decisão. Como há carências de estudos que relacionem a temática da complexidade da tarefa à decisão em grupo, os resultados deste experimento, ao se contraporem aos de Parks e Cowlin (1995), indicam a necessidade de maior exploração dessa abordagem, a fim de gerar resultados consistentes. Salienta-se que a nível individual existe um número maior de estudos que investigam a influência da complexidade da tarefa na decisão (Payne 1976, 1982; Payne, Bettman e Johnson, 1988; Todd e Benbasat, 1993; Timmermans, 1993; Löbler, 2005), entretanto esse cenário não é visualizado a nível grupal.

Após a análise da H1 e H3 parte-se para a investigação das Hipóteses 2 e 4, relativas ao tipo de informação mencionada durante a discussão em grupo. Para tanto, realizou-se um exame amplo de todos os instrumentos de coleta de dados aplicados, como as planilhas de observação, as gravações das discussões em grupo, e as descrições dos motivos de escolha dos suspeitos pelo grupo. Ao aliar análises quantitativas e qualitativas busca-se encontrar resultados mais contundentes e realistas da situação vivida pelos sujeitos experimentais.

Para testar a Hipótese 2 (H2), a qual pressupõe que “*Os sujeitos tendem a discutir mais a informação comum do que a informação exclusiva*”, utilizou-se as anotações das planilhas de observação e as gravações da discussão dos grupos. O procedimento foi o seguinte: nas planilhas de observação há a descrição dos comentários e pistas citadas por cada um dos participantes durante a discussão. Para corroborar com essas observações, todas as discussões foram ouvidas pelo pesquisador, de modo que nenhuma pista fosse negligenciada. A codificação das pistas foi realizada de maneira manual, após a conferência das planilhas de observação. Ao todo foram analisadas 47 planilhas, pois uma delas foi mal preenchida, impossibilitando a correta identificação das pistas discutidas e do grupo ao qual se referiam.

Após ter-se certeza das informações trocadas entre os participantes, essas foram codificadas, tabuladas e analisadas de modo quantitativo, para testar a Hipótese 2. Na Tabela 03 é exibido (a) o número de vezes que a pista foi citada pelos participantes para cada uma das 4 unidades experimentais, (b) bem como o número total de pistas comuns e exclusivas discutidas e a (c) proporção entre o número total de pistas apresentadas aos participantes e a quantidade de pistas discutidas. Salienta-se que para a UE1 e a UE2 não foram apresentadas as pistas do suspeito Bill, por isso encontram-se espaços em branco na Tabela.

Tabela 03 - Análise das pistas comuns e exclusivas discutidas pelos participantes

Pistas	(a) Número de vezes que a pista foi mencionada por Unidade Experimental			
	UE1	UE2	UE3	UE4
Comum - André1	7	11	8	12
Comum - André2	0	0	0	1
Comum - André3	2	6	2	4
Comum - André4	3	5	3	5
Comum - André5	9	8	6	10
Comum - André6	6	5	0	4
Exclusiva- André7	4	7	3	4
Exclusiva- André8	5	7	6	4
Exclusiva- André9	8	8	7	6
Comum - Bill1	-	-	3	6
Comum - Bill2	-	-	4	7
Comum - Bill3	-	-	6	6
Comum - Bill4	-	-	6	6
Comum - Bill5	-	-	5	3
Comum - Bill6	-	-	5	5
Exclusiva- Bill7	-	-	10	7
Exclusiva- Bill8	-	-	6	9
Exclusiva- Bill9	-	-	4	3
Comum - Carlos1	3	2	3	6
Comum - Carlos2	10	10	9	9
Comum - Carlos3	9	11	9	12
Exclusiva- Carlos4	3	2	7	5
Exclusiva- Carlos5	10	10	10	10
Exclusiva- Carlos6	4	6	8	5
Número de grupos	11	12	12	12
(b) Soma de pistas comuns	52	58	69	96
(b) Soma de pistas exclusivas	34	40	61	53
	(c) Proporção entre			
Pistas comuns e número total de pistas comuns	0,53	0,54	0,38	0,53
Pistas exclusivas e número total de pistas exclusivas	0,52	0,56	0,56	0,49

Fonte: Dados da pesquisa

As proporções apresentadas na Tabela 03, indicam que para as unidades experimentais 1 (UE1) e 4 (UE4) houve uma maior quantidade de pistas comuns discutidas, em relação as pistas exclusivas, o que corrobora a Hipótese 2. Já para as unidades experimentais 2 (UE2) e 3 (UE3), aconteceu o inverso, sendo que as pistas exclusivas foram mais discutidas do que as comuns. Em vista desses resultados, buscou-se verificar se a diferença encontrada entre as proporções de pistas comuns e exclusivas foi significativa. Para tanto, procedeu-se a realização do Teste de postos com sinal de Wilcoxon, apresentado na Tabela 04.

Tabela 04 - Teste de postos com sinal de Wilcoxon para a quantidade de pistas comuns e exclusivas discutidas

Pista	Média da Categoria	Soma das categorias	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Sig.(2-sided)
Comum	4	16	6,000	68,000	-5,777	0,564
Exclusiva	5	20				

Fonte: Dados da pesquisa

O Teste de Wilcoxon apresentou significância igual a 0,564 (sig. = 0,564), indicando que não há diferença entre a proporção de pistas comuns e exclusivas discutidas pelos participantes do experimento durante as discussões dos grupos. Dessa forma, rejeita-se a Hipótese 2, visto que o número de informações comuns discutidas não é, estatisticamente, superior ao de informações exclusivas. Uma explicação plausível para essa situação pode estar no tempo destinado aos grupos experimentais (10 minutos) para a discussão das pistas. Conforme, Bowman e Wittenbaum (2002 *apud* Wittenbaum, Hollingshead e Botero, 2004), quando há baixa pressão do tempo – como neste experimento - os membros do grupo sob condição de alternativa oculta resolvem a tarefa mais rapidamente e mencionam tanto a informação comum quanto a exclusiva, o que não acontece em situações com maior pressão do tempo.

O fato de estarem mencionando na mesma frequência as pistas comuns e exclusivas pode ter corroborado para que boas decisões fossem tomadas em grupo, independentemente da complexidade da tarefa e do compartilhamento da informação, acarretando na rejeição das Hipóteses 1 e 3. Assim, sem pressão do tempo, os grupos igualam o número de vezes que citam as pistas comuns e exclusivas; ainda, os participantes são conhecidos e não se sentem reprimidos em falar as pistas exclusivas, sendo essa a chave para a escolha correta, explicando porque as escolhas ficam com a mesma qualidade, independente de complexidade e do compartilhamento da informação.

No estudo de Henningsen e Henningsen (2008), também não se observou diferença entre a quantidade de informação comum e exclusiva que foi compartilhada pelos membros do grupo durante a discussão. Resultados como esses estão sendo aceitos pelos precursores da abordagem de tarefas sob condição de alternativa oculta, Stasser e Titus. Em um trabalho publicado em 2003, 18 anos após a primeira publicação (Stasser e Titus, 1985), eles afirmam que com o passar dos anos, muitos estudos sobre o tema foram desenvolvidos, a fim de reforçar os primeiros resultados, sendo que desses estudos têm-se tirado algumas conclusões que contrariam os achados iniciais. Após tantas investigações, afirmar que as informações exclusivas são menos mencionadas que as comuns é um raciocínio muito simples (Stasser e Titus, 2003).

Nota-se, assim, que está despontando uma nova linha de pensamento e constatações acerca da discussão de informações em grupos sob condição de alternativa oculta. Esses estudos contrariam os resultados de Fraidin (2004), Stasser e Titus (1985) e Larson Jr. e Harmon (2007), por exemplo, e que sustentaram a criação da Hipótese 2 deste experimento.

A Hipótese 4 deste trabalho também aborda a questão da quantidade de informação discutida pelo grupo, indicando que “*Conforme aumenta a complexidade da tarefa, os membros do grupo tendem a discutir menos informações*”. Para verificá-la, primeiramente realizou-se a contagem do número de pistas discutidas em cada grupo, a partir das informações disponíveis nas planilhas de observação e nas gravações de áudio. Após, agrupou-se a con-

Análise da influência do compartilhamento da informação e da complexidade da tarefa

tagem das pistas de acordo com as suas unidades experimentais (UE1, UE2, UE3 e UE4). Assim, para cada unidade experimental teve-se a soma de pistas mencionadas por todos os grupos que a compunha. O próximo passo foi realizar uma proporção entre o número de pistas totais mencionadas para cada unidade experimental e o número total de pistas existentes. Essa proporção foi necessária, pois a quantidade de pistas total para os grupos que realizaram a tarefa simples (15 pistas) e os que realizaram a tarefa complexa (24 pistas) era diferente. A Tabela 05 exibe a análise relativa a Hipótese 4.

Pistas	Número de vezes que a pista foi mencionada por Unidade Experimental			
	UE1	UE2	UE3	UE4
Soma de pistas discutidas	83	98	130	149
Número total de pistas	15	15	24	24
Proporção entre				
Pistas discutidas por tarefa (simples/complexa) e número total de pistas	0,52	0,45	0,54	0,46

Tabela 05 - Análise das pistas discutidas pelos participantes nas tarefas simples e comple

Fonte: Dados da pesquisa

As proporções de pistas discutidas pelos participantes na tarefa simples foi menor do que na tarefa complexa. Para comprovar esse resultado, realizou-se o Teste de postos com sinal de Wilcoxon, visto que em cada unidade experimental havia, no máximo, 12 casos. A Tabela 06 apresenta os resultados do Teste, e foi dividida em duas partes para abranger as 4 unidades experimentais. Na parte **A**, tem-se a análise entre a UE1, relativa aos grupos que realizaram a tarefa *simples* com compartilhamento total da informação, e a UE3, referente aos grupos que realizaram a tarefa *complexa* com compartilhamento total. Já na parte **B**, são expostos os resultados referentes às UE2 e UE4, respectivamente representando os grupos que realizaram a tarefa *simples* e *complexa* com compartilhamento parcial da informação.

Tabela 06 - Teste de Wilcoxon para a quantidade de pistas discutidas nas tarefas simples e complexa

Parte	UE	N	Média da Categoria	Soma das categorias	Mann-Whitney U	Wilcoxon W	Z	Sig.(2-sided)
A	1	11	18	198	0,000	78,000	-4,690	0,000
	3	12	6,5	78				
B	2	12	18	222	0,000	78,000	-4,796	0,000
	4	12	6,5	78				

Fonte: Dados da pesquisa

O Teste de Wilcoxon apresentou-se significativo estatisticamente tanto para os grupos que realizaram a tarefa com compartilhamento parcial da informação, quanto para os com compartilhamento total. Assim, aceita-se a Hipótese 4, pois conforme aumenta a complexidade da tarefa, os membros do grupo tendem a discutir menos informações.

Os resultados deste experimento corroboram os de Parks e Cowlin (1995), nos quais se verificou que há um leve declínio na proporção de informação considerada quando o número de alternativas de escolha excede a 2. No âmbito individual, Timmermans (1993) também encontrou que conforme aumenta o número de alternativas, os participantes usam menos

atributos para avaliá-las. Cabe salientar que a pesquisa de Parks e Cowlin (1995) é uma das poucas – senão a única – até então, a abordar a influência da complexidade da tarefa na quantidade de informações discutidas pelos grupos. Percebe-se, assim, que é substantiva a falta de trabalhos que abordem a temática da complexidade da tarefa na decisão em grupo, sendo de grande relevância o desenvolvimento deste experimento.

5- Considerações Finais

Tanto para ganhos de conhecimento quanto na melhora na qualidade da decisão, o estudo da tomada de decisão sobre condição de alternativa oculta (STASSER e TITUS, 1985) torna-se relevante. Isso porque, segundo grande parte dos estudos que abordam esse assunto, os membros do grupo tomam decisões erradas quando toda a informação disponível não é discutida, afetando também o compartilhamento do conhecimento. Outro aspecto que pode prejudicar a decisão e a distribuição do conhecimento, segundo Parks e Cowlin (1995), é a quantidade de alternativas, ou a complexidade da tarefa, que os membros do grupo têm para decidir. Frente a essas importantes discussões que circundam essa forma de decisão, este trabalho objetivou *verificar como o compartilhamento da informação e a complexidade da tarefa influenciam a decisão em grupo*.

Para tanto, foram estipulados dois objetivos específicos. O primeiro deles (a) era o de *analisar como o compartilhamento de informações afeta a tomada de decisão em grupo*; o segundo (b) buscava *ilustrar o efeito da complexidade da tarefa no processo decisório grupal*. O primeiro objetivo foi atingido através da verificação de duas hipóteses deste experimento: a Hipótese 1 e a Hipótese 2. A primeira delas supunha que “*Grupos sob condição de compartilhamento total da informação apresentarão melhor decisão do que grupos com compartilhamento parcial da informação, sob a condição de alternativa oculta*.”. O que se identificou, através do Teste de Fisher aplicado às decisões tomadas pelos grupos com compartilhamento total e parcial, é que não houve diferenças entre a qualidade da decisão de ambos os grupos, sendo que independentemente do tipo de compartilhamento da informação boas decisões foram tomadas, corroborando os achados de Stewart e Stasser (1995).

Acredita-se que a familiaridade existente entre os participantes pode ter influenciado neste resultado, visto que eles tendem a tomar melhores decisões em grupo, sob condições de alternativa oculta, do que quando os integrantes não se conhecem (Gruenfeld *et al.*, 1996). Tal constatação incita a investigação de pesquisas futuras, visto a importância que se observa na relação entre os membros de um grupo e a qualidade da decisão que tomam. No contexto organizacional, por exemplo, a integração entre os gestores, bem como o desenvolvimento de maior proximidade entre eles e sentimento de pertencer ao grupo poderiam contribuir para que melhores e mais corretas decisões fossem tomadas.

Além dessas análises, para responder ao segundo objetivo específico, abordou-se a Hipótese 2, supondo que “*os sujeitos tendem a discutir mais a informação comum do que a informação exclusiva*”. A partir da codificação das pistas mencionadas, não se encontrou resultado significativo para a proporção entre o número total de pistas fornecidas aos participantes e o número total de pistas discutidas. Assim, a Hipótese 2 foi rejeitada, pois não há diferença entre a quantidade de pistas comuns e exclusivas discutidas pelos participantes.

De modo geral, através dos resultados obtidos neste experimento, percebe-se que o compartilhamento da informação não afeta a qualidade da decisão do grupo, desde que haja uma substancial troca de informações por parte dos integrantes. Entretanto, acredita-se que essa troca de informações é motivada pelo comprometimento dos membros do grupo e pelo

sentimento de pertencer ao mesmo. Assim, atinge-se o segundo objetivo específico, identificando além da relação entre o compartilhamento da informação e a tomada de decisão em grupo, ferramentas que podem contribuir para que a mesma seja incrementada.

Para atingir o segundo objetivo específico também foram propostas duas hipóteses, a Hipótese 3 e a Hipótese 4. A Hipótese 3 supunha que “*grupos que realizarem tarefas simples terão melhor decisão do que os grupos que realizarem tarefas complexas*”. Para testá-la procedeu-se ao Teste de Fisher, comparando as decisões tomadas pelos grupos que realizaram a tarefa simples e os que realizaram a tarefa complexa. Esse Teste não foi significativo, indicando não haver diferença entre a qualidade da decisão tomada pelos grupos que realizaram tarefas simples e os que realizaram a tarefa complexa. Isso contraria os achados de Parks e Cowlin (1995), estudo base para o desenvolvimento das Hipóteses 3 e 4. Entretanto, ao contrapor os resultados anteriores, percebe-se a necessidade de maiores investigações acerca dessa temática, que pouco tem sido estudada no âmbito da decisão em grupo, em oposição aos inúmeros trabalhos sobre a influência da complexidade da tarefa na decisão individual.

A Hipótese 4, também relacionada ao terceiro objetivo específico, afirmava que “*conforme aumenta a complexidade da tarefa, os membros do grupo tendem a discutir menos informações*”. Sua verificação foi baseada na codificação das informações, contando-se o número de pistas discutidas nos grupos que participaram da tarefa simples e os que participaram da tarefa complexa, verificando a proporção de pistas mencionadas e ao número total de pistas distribuídas. Para identificar diferença de média entre as proporções encontradas, realizou-se o Teste de Wilcoxon, o qual se mostrou significativo ($\text{sig.} \leq 0,050$). Assim, a Hipótese 4 foi corroborada, indicando que conforme aumenta a complexidade da tarefa há um declínio na quantidade de pistas discutida pelos membros do grupo.

Considera-se que os resultados encontrados servem para reforçar a relevância deste estudo, que traz uma discussão nova e carente de investigações no meio acadêmico. Frente aos resultados das Hipóteses 3 e 4, percebe-se que, neste experimento, a complexidade da tarefa não influenciou negativamente na decisão do grupo, o que pode ser justificado por fatores pessoais como a proximidade entre os membros. Entretanto, verificou-se que há uma diminuição de informação discutida quando a complexidade da tarefa é maior, o que em outras situações pode prejudicar a escolha da melhor decisão. Essas constatações corroboraram o terceiro objetivo específico. Caso não houvesse o fator “amizade” dentro do grupo, a complexidade da tarefa tende a piorar a decisão, pois o número de informações discutidas diminui. Ainda, os indivíduos sabiam que poderiam existir informações divergentes para cada um (conforme descrito nas instruções do experimento), então pela proximidade entre eles, praticamente “esperavam” pela informação diferente do outro componente do grupo (a informação exclusiva), discutindo, assim, essas últimas e chegando a melhores decisões. Conclui-se que os grupos são influenciados pela “amizade”, pela estruturação da tarefa (realizada em laboratório, estruturada, divergente do mundo real) e pela pressão do tempo.

Algumas limitações foram verificadas no decorrer da pesquisa, como a amostra investigada, composta por estudantes de graduação, que não permite generalização dos resultados encontrados para demais populações ou grupos de trabalho. Ainda, a tarefa realizada não envolveu uma situação real, em contexto organizacional, por exemplo, o que poderia trazer maior credibilidade e envolvimento dos participantes. A presença dos observadores, bem como a gravação das discussões dos grupos, pode ter influenciado o comportamento dos participantes, e de alguma forma, alterado os resultados deste estudo. Finalmente, a aplicação deste experimento em ambiente de laboratório não abrange todas as características apresentadas em

Monize Sâmara Visentini - Mauri Leodir Löbler

um ambiente natural, impossibilitando a inferência dos achados para o contexto real.

Essa limitação surge também como uma proposição de pesquisa futura, indicando que estudos sejam realizados acompanhando a rotina dos executivos e o modo como procedem para tomar as decisões em reuniões gerenciais. Esses achados poderiam fomentar substancialmente a teoria acerca da decisão em grupo. Também seria interessante reaplicar este estudo com tarefas voltadas ao campo da administração, como a contratação de um funcionário, o que poderia parecer mais real e despertar maior interesse por parte dos participantes. Finalmente, sugere-se que se aprofunde a investigação da complexidade da tarefa, acrescentando mais alternativas de escolhas, a fim de ter um quadro teórico significativo acerca da influência dessa variável na decisão em grupo.

Recibido: 20/05/10. Aceptado: 29/06/10.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aaker, D. A.; Kumar, Vol.; Day, G. S. *Pesquisa de Marketing*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- Biggs, F. S., et al. "The effects of task size and similarity on the decision behavior of bank loan officers" en *Management Science*. 1985, Vol. 31, p. 970-987,
- Campbell, D. T; Stanley, J. C. *Delineamentos experimentais e quase-experimentais de pesquisa*. São Paulo: EPU, 1979.
- Chalos, P.; Pickard, S. "Information choice and cue use: An experiment in group information processing" en *Journal of Applied Psychology*. 1985. Vol. 70, p. 634-641.
- Cozby, P. C. *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas, 2003.
- Fraidin, S. N° "When is one head better than two? Interdependent information in group decision making" en *Organizational Behavior and Human Decision Processes*. 2004, Vol. 93, p. 102-113.
- Gil, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- Gill, T. G.; Hicks, R. C. "Task Complexity and Informing Science: A Synthesis" en *Informing Science Journal*. 2006, Vol. 9, p. 1-30.
- Gruenfeld, D. H., et al. "Group composition and decision making: How member familiarity and information distribution affect process and performance" en *Organizational Behavior and Human Decision Processes*. 1996, Vol. 67, p.1-15.
- Handzic, M. "Does More Information Lead to Better Informing?" en *Informing Science*. 2001, p. 251-256.
- Häubl, G.; Trifts, V. "Consumer Decision Making in Online Shopping Environments: The Effects of Interactive Decision Aids" en *Marketing Science*. 2000, p. 4-21, Vol. 19, n°1.
- Henningesen, D. D.; Henningesen, M. L. M. "Do Groups Know What They Don't Know?" en *Communication Research*. 2007, Vol. 34, n° 5, p. 507-525.
- Kocher, M. G.; Sutter, E. M. "Individual versus group behavior and the role of the decision making procedure in gift-exchange experiments" en *Empirica*. 2007, Vol. 34, p. 63-88.
- Larson Jr., J. R. et al. "Diagnosing groups: Charting the flow of information in medical decision-making teams" en *Journal of Personality and Social Psychology*. 1996, Vol. 71, n° 2, p. 315-330.
- Larson Jr., J. R. et al. "Diagnosing groups: The pooling, management, and impact of shared and unshared case information in team-based medical decision-making" en *Journal of Personality and Social Psychology*. 1998, Vol. 75, n° 1, p. 93-108.
- Larson Jr., J. R. Harmon, V. M. "Information Mentioned During Group Discussion: Toward Understanding Differential Repetition Rates" en *Group Processes & Intergroup Relations*. 2007, Vol. 10, n° 3, p. 311-322.
- Löbler, M. L. *Processamento da Informação: Uma Avaliação dos Diferentes Níveis de Conhecimento no Processo de Decisão*. 2005. Tese (Doutorado em Administração) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- Moon, H. et al. "Group decision process and incrementalism in organizational decision making" en *Organizational Behavior and Human Decision Processes*. 2003, Vol. 92, p. 67-79.
- Parks, C. D.; Cowlin, R. "Group discussion as affected by number of alternatives and by a time limit" en *Organizational Behavior and Human Decision Processes*. 1995, Vol. 62, n° 3, p. 267-275.

Análise da influência do compartilhamento da informação e da complexidade da tarefa

- Payne, J. W. "Contingent decision behavior" en *Psychological Bulletin*. 1982, Vol. 92, p. 382-402.
- Payne, J. W. "Task complexity and contingent processing in decision making: an information search and protocol analysis" en *Organization Behavior and Human Performance*. 1976, Vol. 16, p. 366-387.
- Payne, J. W.; Bettman, J. R.; Johnson, E. J. "Adaptive strategy selection in decision making" en *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*. 1988, Vol. 14, p. 534-552.
- Shields, M. D. "Some effects of information load on search patterns used to analyze performance reports" en *Accounting, Organizations and Society*. 1980, Vol. 5, p. 429-442.
- Siegel, S.; Castellan, N° J. *Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento*. 2. ed. Porto Alegre, Artmed, 2006.
- Stasser G.; Stewart D. "Discovery of hidden profiles by decision-making groups: Solving a problem versus making a judgment" en *Journal of Personality and Social Psychology*. 1992, Vol. 63, n° 3, p. 426-434.
- Stasser G.; Taylor L. A.; Hanna C. "Information sampling in structured discussions of three- and six-person groups" en *Journal of Personality and Social Psychology*. 1989, Vol. 57, n° 1, p. 67-78.
- Stasser G.; Titus, W. "Effects of information load and percentage of shared information on the dissemination of unshared information during group discussion" en *Journal of Personality and Social Psychology*. 1987, Vol. 53, n° 1, p. 81-93.
- Stasser G.; Titus, W. "Hidden Profiles: A Brief History" en *Psychological Inquiry*. 2003, Vol. 14, n° 3&4, p. 304-313.
- Stasser G.; Titus, W. "Pooling of unshared information in group decision making: Biased information sampling during discussion" en *Journal of Personality and Social Psychology*. 1985, Vol. 48, n° 6, p. 1467-1478.
- Timmermans, D. "The impact of task complexity on information use in multi-attribute decision making" en *Journal of Behavioral Decision Making*. 1993, Vol. 6, p. 95-111.
- Todd, P.; Benbasat, I. "An Experimental Investigation of the Relationship Between Decision Makers, Decision Aids and Decision Making Effort" en *INFOR*. 1993, Vol. 31, no. 2, p. 80-100.
- Stewart, D. D.; Stasser, G. "Expert Role Assignment and Information Sampling During Collective Recall and Decision Making" en *Journal of Personality and Social Psychology*. 1995, Vol. 69, n° 4, p. 619-628.
- Winkvist J. R.; Larson Jr., J. R. "Information pooling: When it impacts group decision making" en *Journal of Personality and Social Psychology*. 1998, Vol. 74, n° 2, p. 371-377.
- Wittenbaum, G. M.; Hollingshead, A. B.; Botero, I. C. "From Cooperative to Motivated Information Sharing in Groups: Moving Beyond the Hidden Profile Paradigm" en *Communication Monographs*. 2004, Vol. 71, n° 3, p. 286-310.
- Wittenbaum, G. M.; Stasser, G. *Management of information in small groups*. In J. L. Nye & A. M. Brower (Eds.), *What's social about social cognition?: Research on socially shared cognition in small groups*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1996.

